



# COEB 2018

**VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Docência na sociedade multitelas

**Dias 05 e 06 de fevereiro**

Realização



# **Docências: especificidades, saberes e práticas da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos**

Jaison José Bassani  
Universidade Federal de Santa Catarina

## Roteiro para a palestra

Interrogação inicial sobre o título proposto para esta mesa: “especificidades”, “saberes” e “práticas” das docências (o plural aqui não é menos importante) na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, na Educação Especial e na Educação de Jovens e Adultos

Dessas palavras, a que chamou mais a minha atenção foi *especificidades*

Por meio dela, fui levado a perguntar sobre o que seria específico, único, singular, “essencial” à docência

Deste exercício inicial de pensamento, resultaram duas constatações...

## 1ª constatação

De que *há especificidades na especificidade da docência*: a etapa da EB, os sujeitos com quem nos relacionamos, o componente curricular do qual fazemos parte importam.

Mas, se fosse possível definir o que é específico do trabalho docente, aquilo que só o/a professor/a faz, então, de alguma forma, poderíamos nos interrogar sobre essas e outras especificidades. Poderíamos também nos ocupar de pensar as docências (novamente o plural).

## 2ª constatação

Onde procurar a especificidade da docência, sua singularidade?

Parafraseando a Martin Heidegger (no texto “Construir, habitar, pensar”, de 1951), poderíamos nos perguntar: o que ou quem nos oferece de fato uma medida para dimensionarmos a essência do que é a docência?

Somente a linguagem pode nos fornecer acesso à essência de uma coisa... e essa é a 2ª constatação.

Há um “vigor próprio” da linguagem, que geralmente não prestamos atenção, porque tendemos a considerá-la apenas como meio de expressão.

“Dentre todos os apelos que nos falam e que nós homens podemos a partir de nós mesmos *contribuir* para se deixar dizer, a linguagem é o mais elevado e sempre o primeiro.” (HEIDEGGER, 1954).

## Um exemplo:

**Docência:** ação de ensinar; exercício do magistério

**Docente:** referente ao ensino ou àquele que ensina

Do verbo latino *docēre*, no sentido de “ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender”.

Fonte: Dicionário Houaiss

## Organização geral da palestra

**1º momento:** apresentação de uma síntese a respeito da leitura analítica de dois documentos político-curriculares da RMEF (Diretrizes para EB, de 2015 e Proposta Curricular, de 2016), buscando descrever as assertivas relacionadas à docência, ao/a docente e ao/a professor/a.

**2º momento:** a partir do que é dito nesses documentos sobre a docência, faço algumas observações, questionamentos e problematizações.

Antes de passar para o 1º momento, dois comentários:

- Sobre os procedimentos para esta análise (estranhamento daquilo que é familiar, um olhar de “fora para dentro”)
- Dificuldades e limites (relação sujeito-objeto, refinamento metodológico, comparações com outros documentos)





COEB  
2018

VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Docência na sociedade multímedias

# 1º momento

Realização





Por que esses documentos?

Observação sobre a Proposta Curricular (foco na primeira parte do documento, especialmente em relação ao/a professor/a)

O que evitei fazer?

- Tanto o discurso institucional quanto uma “postura denunciante”
- Reforçar dicotomias (teoria X prática, currículo formal X currículo real etc.)

**Exemplos:**

resultados da aprendizagem.

Dessa forma, ao promover a apropriação dos conhecimentos, o olhar do/a professor/a deve estar focado no percurso de desenvolvimento do/da estudante ao longo do processo, partindo da historicidade de cada um/uma desses/dessas estudantes e avaliando esse desenvolvimento com base nessa mesma historicidade. Sob tal perspectiva, aprender implica – por ocasião da apropriação dos objetos de conhecimento – encontrar-se consigo mesmo, com o outro, com o diferente e, nessas experiências, dá-se a criação de possibilidades sempre novas de desenvolvimento. Em uma mesma aula, com o mesmo professor, um conjunto de diferentes aprendizagens acontece, tendo em vista que os/as estudantes são singulares em sua historicidade e que cada um aprende a seu modo, mas sempre o faz na relação com o outro.

Assim, em cada unidade educativa, os/as profissionais da educação precisam buscar maneiras de contribuir para esse processo de formação, articulando não só os Componentes Curriculares, mas, também, buscando formas de promover a relação interdisciplinar, a partir de articulações mais abrangentes. Com base em seus conceitos fundantes, as Áreas devem dialogar em abordagens integradas que criem condições para que os/as estudantes se apropriem de suas especificidades, compreendendo, porém, tais especificidades sob uma perspectiva integradora que lhes faculte a formação humana integral.

FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 29

O papel da Educação Especial e pela expectativa de um conhecimento que não seja de natureza pedagógica. É importante esclarecer que não é finalidade da Educação Especial, seja pelo atendimento educacional especializado realizado nas salas multimeios, seja pela atuação de professores/as<sup>97</sup> e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais ou pelos serviços de profissionais de apoio que acompanham estudantes, destituir os/as professores/as do ensino regular da responsabilidade pela escolarização de seus/suas estudantes. É comum haver situações em que se acredita que os/as professores/as da Educação Especial são especialistas capazes de dizer como cada estudante com deficiência aprende. É preciso discernir a função dos/das professores/as da Educação Especial, que realizam o atendimento educacional especializado, dos/das professores/as e intérpretes de LIBRAS, do/da profissional de apoio e dos/das professores do ensino regular. Como cada profissional possui um papel definido, estes últimos devem se preocupar em ensinar, criar condições para a apropriação de conhecimento de todos/todas os/as estudantes de cada turma, assumindo o seu papel pedagógico, não a partir da padronização, mas da compreensão das diferenças como inerentes a qualquer grupo. Os/As profissionais da Educação Especial devem promover recursos e condições de acessibilidade nos diversos contextos de aprendizagem aos/às estudantes público-alvo desse serviço.

Vivenciar experiências, estar e aprender juntos, de forma cooperativa e solidária, de modo que cada estudante e cada professor/a percebam as próprias diferenças e as dos outros, é o melhor caminho para o reconhecimento das potencialidades de cada um/uma, a superação de preconceitos, a compreensão de que cada sujeito é único e de que está em constante transformação. Dessa forma, torna-se possível perceber e



profissionais envolvidos.

Nessa proposta educativa não seriada e não disciplinar, a atuação do/da professor/a precisa ser reinventada, pois não há um roteiro definido de antemão. Isso requer do/da profissional certa maturidade intelectual e emocional e confiança no processo. O fazer pedagógico neste campo exige abertura pessoal para o novo e para o trabalho coletivo. Assim, é imprescindível que os/as educadores/as conheçam a proposta pedagógica da EJA, que tem como particularidade a pesquisa como princípio educativo. É necessário que compreendam e se apropriem dos objetivos e da dinâmica de trabalho que a pesquisa pressupõe.

Também é preciso entender a dimensão do planejamento coletivo, sem o qual, tudo cai por terra. Esse tipo de planejamento exige que o/a educador/a saiba trabalhar em grupo e esteja disposto a compartilhar o seu conhecimento para além das fronteiras disciplinares de sua formação, bem como a circular pelas diferentes Áreas do Conhecimento.

Acrescida à dimensão anteriormente referida, há ainda a atuação conjunta, para a qual os/as profissionais sentem-se despreparados. Não basta apenas planejar coletivamente, há que se compartilhar a docência, num processo recíproco de aprendizagem e convivência. Além disso, o/a professor/a também precisa aprender, junto aos seus pares, a: reconhecer os conhecimentos prévios dos/das estudantes, despertar sua curiosidade, auxiliá-los/las sem fornecer respostas prontas, ensinar os procedimentos de diferentes técnicas de investigação, entre outras especificidades. Por assim dizer, o/a educador/a necessita aprender como efetivamente orientar uma pesquisa. Ainda, o/a professor/a precisa educar o seu próprio olhar, mantendo atenção e respeito à diversidade dos sujeitos da EJA e à desigualdade dos contextos dos quais são oriundos.

o que só é possível à medida que os sujeitos atribuam sentido ao o que é proposto e vivido.

Em ambos os casos, um **trabalho pedagógico que toma a problematização como ponto de partida** enriquece as experiências e permite aos estudantes atribuírem sentido aos conhecimentos e produtos culturais que acessam de forma intencional nas instituições educativas. Além disso, permite que as diferentes áreas de conhecimento ou Núcleos de Ação Pedagógica e a Brincadeira sejam contemplados sem haver fragmentação dos conhecimentos, ou seja, **permite uma abordagem global dos conhecimentos por meio da participação direta dos sujeitos** sejam eles crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos, que questionam, pesquisam e sistematizam seus processos de aprendizagem, **com a mediação dos professores.**

Outro aspecto comum é a dimensão das relações sociais que se revela fundamental, já que **o processo de desenvolvimento se dá quando o ser humano passa a dominar os elementos culturais** e, para isso ele precisa dos **professores, dos pares, do meio** (PRESTES, 2013). Desse modo, pode-se afirmar que um eixo comum da Educação Básica é uma **educação baseada nas relações**, que por sua vez tem como cerne a educação e cuidado.

---

<sup>3</sup> Registro do encontro de formação com Zoia Prestes em 29/10/2013 para discutir a brincadeira e o desenvolvimento.



## Aspectos gerais

- São poucas as menções à docência (1 ocorrência), docente (4 vezes) e professor/a (6 ocorrências) na Diretriz Curricular para Educação Básica da RMEF. Por que isso? Essa “ausência” é importante?
- Na Proposta Curricular da RME, ao longo de todo o documento, há maior frequência de registros das palavras “docente” e “professor/a” do que de docência. Como interpretar isso?
- Em ambos os documentos, **docente** geralmente aparece vinculado a outro substantivo: “formação docente”, “prática docente”, “ação docente”, “atuação docente”, “experiência docente”, “profissionalização docente”.



COEB  
2018

VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Docência na sociedade multímedias

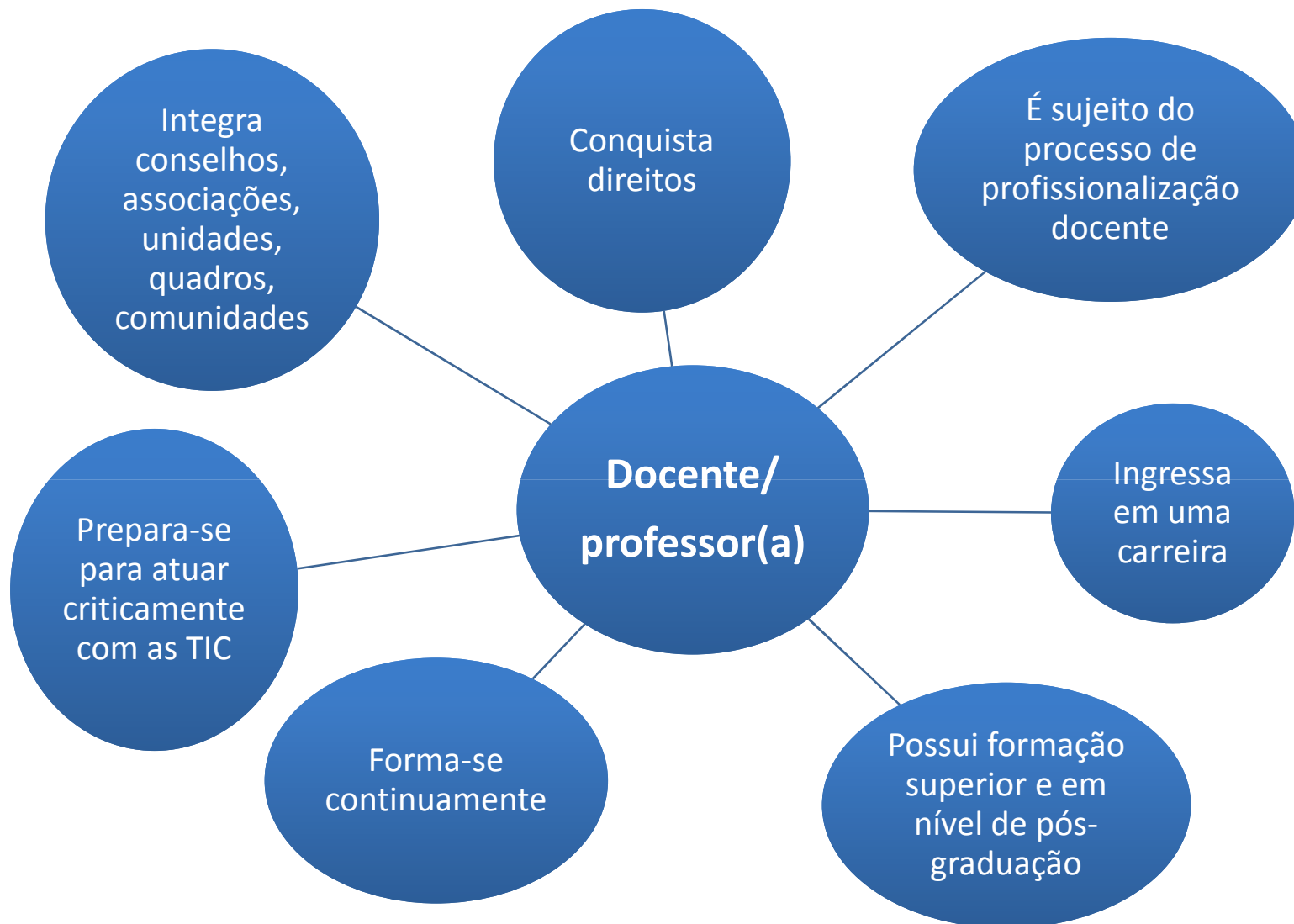
## Síntese deste exercício de leitura

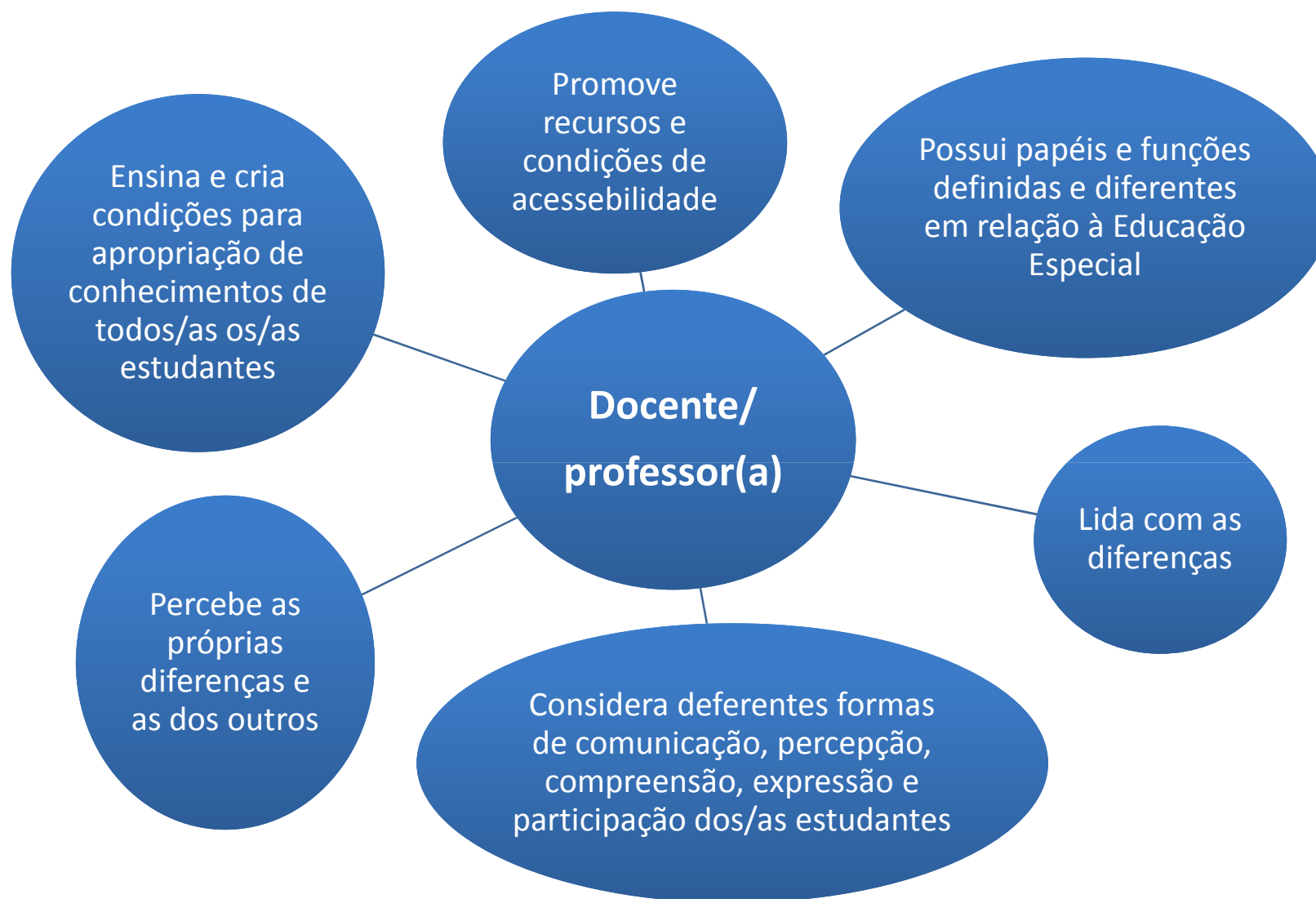
Realização



PREFEITURA DE  
FLORIANÓPOLIS  
EDUCAÇÃO

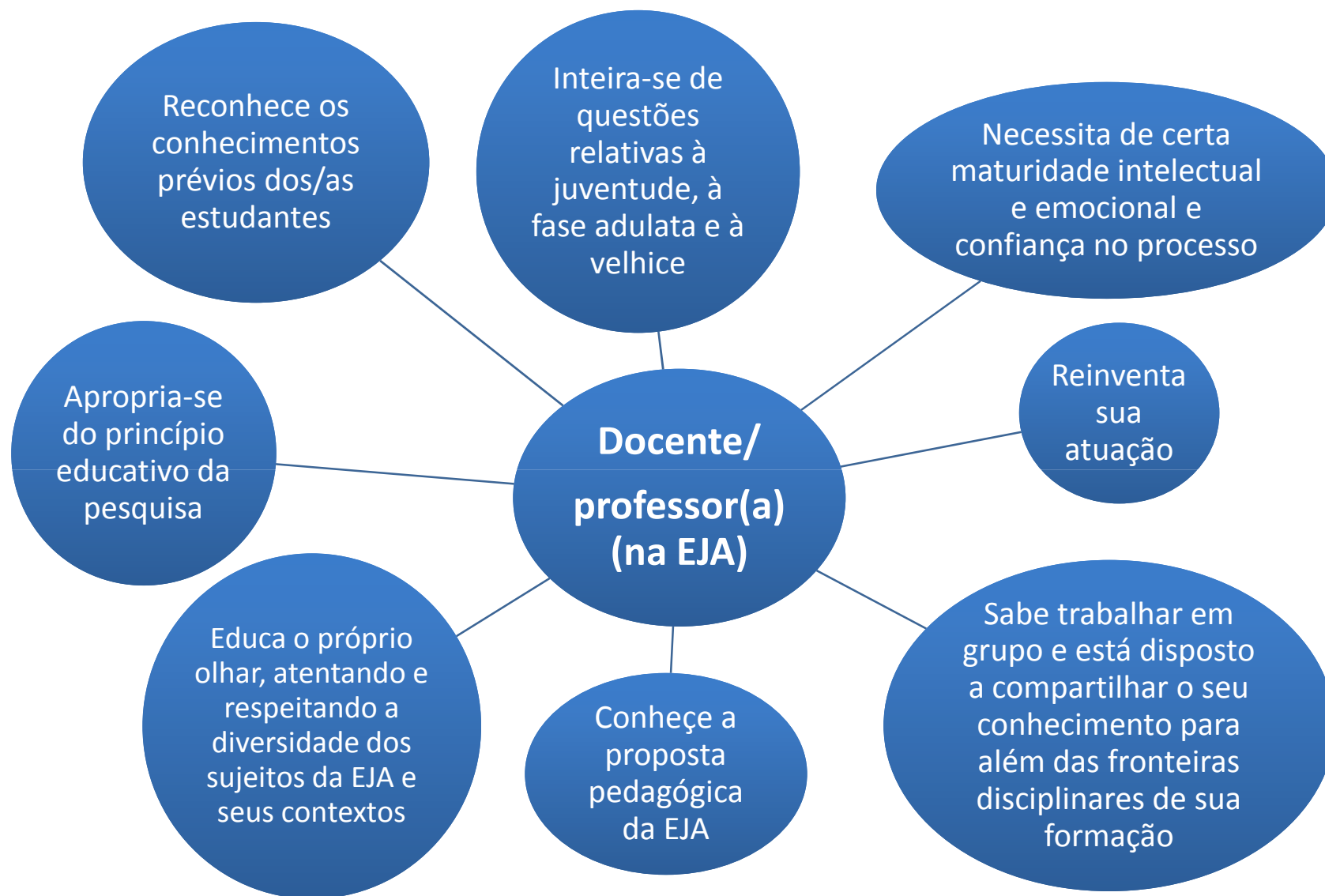














## 2º momento:

# Observações, questionamentos e problematizações

- Considerando a provisoriedade do exercício de leitura proposto, há uma **ampliação** ou **diluição** das *especificidades* da docência nestes documentos?
- Perguntava anteriormente como podemos interpretar essa maior recorrência dos termos “docente” e “professor/a” em relação ao vocábulo “docência”. Que significado isso pode ter?

- Há um *deslocamento*, nos documentos, do foco no ensino, aquilo que faz o professor/a, para a aprendizagem, aquilo que realiza o/a estudante.
- Com isso, as *especificidades passam a estar nos sujeitos* (professor/a e estudantes, sobretudo, mas também outros membros da comunidade escolar) e seus contextos.
- Não seria importante promovermos uma inflexão em direção à especificidade da docência? Consideremos, por exemplo, relatos de experiência ou de pesquisa sobre nossas práticas pedagógicas.

- Mas afinal de contas, qual a “essência” da docência, sua especificidade, de acordo com o que pudemos ver dos documentos? Parece ser a de *conduzir ao conhecimento*.
- Importante lembrar que essa condução ocorre em um quadro institucional que define as condições materiais, financeiras, burocráticas etc.
- Que potências há nessa representação “contemporânea” do/a professor/a como aquele/a que conduz ao conhecimento?

- Chave importante para compreender a condição do/a professor/a: ele/a deve fazer alguma coisa, e será cobrado por aquilo que tiver feito, mas ele/a não pode produzir diretamente o resultado de sua ação. O que vai produzir ou não o conhecimento é a atividade intelectual do/a aluno/a, e este/a tem a capacidade de bloquear todo o processo. (CHARLOT, 2006).
- Problematizar a imagem que fazemos de nós mesmos e de nosso trabalho.

Muito obrigado pela atenção!

E-mail: [jaisonbassani@uol.com.br](mailto:jaisonbassani@uol.com.br) e [jaison.bassani@ufsc.br](mailto:jaison.bassani@ufsc.br)